



EU NÃO TENHO DE QUE BRINCAR...

Isabel Cristina Hierro Parolin

Para minha filha Paula, que muito brincou e que hoje oportuniza esse espaço para outras crianças

É muito preocupante ouvir um desabafo como esse, dito por uma criança que está na praia, grudada na mãe, em meio a um choro doído e lamentoso. Diante de uma infinidade de espaço e de possibilidades criativas para brincar, essa criança se sente amarrada e sem instrumentos para aproveitar o momento, o espaço disponível e companhia das outras crianças presentes. Mais preocupante ainda, é ouvir uma outra mãe se solidarizando com essa situação por vivê-la igualmente com seu filho.

Acredito que a vida confinada em apartamentos e longe dos quintais tem uma boa parcela de contribuição para a situação que estou descrevendo. No entanto, penso que outros fatores, de igual ou talvez até maior importância, interferem decisivamente na capacidade criativa da criança de brincar.

Nossas crianças estão crescendo super familiarizadas com as máquinas: vídeo games, computadores, games boy, televisão; com os brinquedos eletrônicos de toda espécie e, infelizmente, distanciadas de caixas, pedaços de panos, bonecas, carrinhos, madeirinhas, jogos de montar, jogos de tabuleiros, etc. Esses brinquedos, sabemos muito bem, oportunizam e favorecem a brincadeira livre e a fantasia. A criança coloca no objeto com que ela está brincando, o significado que ela deseja no momento. Por outro lado, esse tipo de brincadeira requer atenção, dá trabalho e faz sujeira. Na pressa do dia-a-dia, os pais e alguns professores, tentando simplificar suas rotinas e suas tarefa de educadores, oferecem brinquedos já prontos e que não requeram montagem, não fazem sujeira e nem geram lixo; enfim, nada que precisam limpar e arrumar..

Para muitas crianças a diversão de final de semana é ir ao shopping, com roupas bem "transadinhas" brincar em brinquedos virtuais e depois fazer

lanche. Para outras, já maiores, o passeio é ver vitrines, antes do lanche, e ficar envernizando os pais com o seus "quereres". Nessa pseudo simplificação, os pais necessitam trabalhar muito para manter a criança feliz com tudo que eles, erroneamente, imaginam que seus filhos precisam. Para outras crianças, o final de semana é, simplesmente, assistir à televisão, de pijama .

Mais grave ainda, fica a situação se a criança estiver em uma escola em que os educadores, para atender os pais, não permitem que a criança se suje, ou corra, pois "é perigoso..."

Não dá para isolar o comportamento lúdico da criança. A criança brinca porque faz parte da sua natureza. Ela brinca quando é para brincar e quando nós, adultos, entendemos que ela não deveria brincar. Muitas criança ficam brincando em seu castigo, ou com o caderno ou ainda, com a comida no prato. As atividades lúdicas preparam a criança para o desempenho de papéis sociais, para a compreensão do funcionamento do mundo, para demonstrar e vivenciar emoções.

Quanto mais a criança brinca, mais ela se desenvolve sob os mais variados aspectos, desde os afetivo-emocionais, motor, cognitivo, até o corporal. É através da brincadeira que a criança vive e reconhece a sua realidade.

Se pensarmos no brinquedo como suporte da brincadeira, poderemos imaginar que a criança necessita interagir com o brinquedo, transformá-lo, dar significados e representações sociais a ele. Se o brinquedo já está carregado de significados, já tem um jeito de brincar e faz tudo sozinho, muito pouco sobrou para a criança criar.

O valor do brinquedo para a criança não está em seu preço, nem mesmo em seu tamanho e muito menos na quantidade ou número de luzes que possui, mas sim na possibilidade criativa que oferece de aceitar significados, fantasias e interações.

Retornando a situação inicial da criança que não sabe como brincar na praia, podemos constatar o quanto ela está distanciada de sua própria natureza e da sua condição de criança.

Pais preocupados em compensar sua ausência na formação de seus filhos costumam presenteá-los com brinquedos, muitas vezes fora da faixa maturacional e do real interesse da criança.

"Dei um patinete para a minha filha, pois ela me pedia todos os dias, e se ela andou duas vezes, foi muito..." Outra mãe contou-me "O meu filho destruiu o teclado do computador que eu dei para ele uma semana depois do

aniversário..."(de 4 anos) Se a mídia está oferecendo um determinado

brinquedo todas as crianças acabam influenciadas e pedindo aquele objeto de consumo. Pais desavisados, que muitas vezes fazem verdadeiros sacrifícios para presentear seus filhos, acabam comprando o brinquedo como algo que a criança deva ter, como se em posse desse objeto ela passasse a ser alguém.

"Meu filho fica deitado na frente da televisão a manhã toda e ainda mama, pois tem preguiça de tomar o Nescau no copo...O que eu devo fazer?"

perguntou-me um pai, aflito. "Brinque com ele!" Respondi. Vá a uma praça andar de bicicleta, pegue umas pazinhas e brinque na areia. Faça coisas com sucata, use caixas de sapato, tesoura, cola e tinta. Jogue algum jogo, conte histórias, leia contos de fadas. Convide outras crianças para brincar com ele . Logo ele vai reencontrar o prazer de brincar, e fazer seu lanche à mesa passa a ser consequência. Resgate a criança que há nele. Não podemos perder de vista que a ação deve ser educada e o desejo compreendido. A criança necessita aprender a superar-se.

Fico assustada ao ver o número de crianças com tendência à obesidade e ao sedentarismo. Falam e conversam muitíssimo bem, mas não fazem absolutamente nada. Resolvem tudo com o verbal, dissociados de seu corpo! Pedem aos pais para fazer um lanche ao invés de um passeio! Preferem assistir à televisão, a brincar com o amigo do prédio.

Não sou contra brinquedos eletrônicos, computador, televisão, etc. Sou a favor de equilíbrio e de educação. Existem excelentes programas de tevê , software e jogos de videogames, mas não há apenas essas opções.

Nós tiramos de nossas crianças a oportunidade de brincar em quintais; em contrapartida, precisamos criar um espaço alternativo para elas se manifestarem.

Não devemos esquecer que o que acontece nas telas da tevê , do videogame e do computador é virtual e a vida, meus amigos, é de verdade.

Brincadeira é coisa séria!

Isabel Cristina Hierro Parolin - Pedagoga, Especialista em Psicopedagogia, em Psicodrama; Mestre em Psicologia da Educação

(fonte: site do psicopedagogia online)